

5) "... e o homem se tornou um ser vivente"

"Deus abençoou o sétimo dia e o consagrou, porque nesse dia repousara de toda a obra da Criação" (Gn 2,3).

A história da criação do homem no Gênesis não termina aqui. Há a segunda história, que – creio – nos será, por sua vez, útil para individuar a visão do homem de São Bento.

"Não existia ainda sobre a terra nenhum arbusto nos campos, e nenhuma erva havia ainda brotado nos campos, porque o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, nem havia homem que a cultivasse; O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente. Ora, o Senhor Deus tinha plantado um jardim no Éden, do lado do oriente, e colocou nele o homem que havia criado. O Senhor Deus fez brotar da terra toda sorte de árvores, de aspecto agradável, e de frutos bons para comer; e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal. (...) O Senhor Deus tomou o homem e colocou-o no jardim do Éden para cultivá-lo e guardá-lo." (Gn 2,5-9.15).

Nesta segunda história, o homem é tirado do barro e toda a sua nobreza está no hálito divino que Deus sopra em suas narinas. Há nele a terra e o espírito, e o espírito lhe foi dado para permanecer no seu barro, na sua carne, naquilo que nele é miséria, pobreza, fragilidade. Deveríamos pensar nisto quando veremos a importância fundamental da humildade na antropologia de São Bento.

Mas nesta segunda história aparecem também outros dois elementos importantes: o jardim e o trabalho. Se na primeira história o homem foi criado e colocado no mundo em geral, ele recebe aqui um tipo de habitação que é um presente de Deus, mas também um lugar de trabalho: o presente deve ser cultivado, o presente é uma semente que se deve fazer crescer, cuidar. Esta poderia ser uma luz para colher o sentido do mosteiro "fechado" de São Bento e toda importância que Bento dá ao trabalho cotidiano, não apenas para ganhar a vida, mas para se tornar sempre mais homem à imagem de Deus.

Depois, nesta história, tem a prova da liberdade na obediência: "O Senhor Deus ordenou ao homem: 'Podes comer do fruto de todas as árvores do jardim; mas não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal; porque no dia em que dele comeres, morrerás indubitavelmente'." (Gn 2,16-17).

Quantas vezes e como esta prova da liberdade nos é reproposta pela Regra? Será interessante compreendê-la, e compreender que é justamente esta prova primordial que se trata quando a nossa liberdade é chamada, pela nossa vocação, a submeter-se a esta.

A segunda história da criação nos oferece também um desenvolvimento do tema da criação da mulher, que poderá talvez nos ajudar a aprofundar o sentido da polaridade dos sexos, para nós no mosteiro, ainda mais que esta história introduz o tema tão importante para nós da solidão: "O Senhor Deus disse: 'Não é bom que o homem esteja só; vou dar-lhe uma ajuda que lhe seja adequada'. Tendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais dos campos, e todas as aves dos céus, levou-os ao homem, para ver como ele os havia de chamar; e todo o

nome que o homem pôs aos animais vivos, esse é o seu verdadeiro nome. O homem pôs nomes a todos os animais, a todas as aves dos céus e a todos os animais dos campos; mas não se achava para ele uma ajuda que lhe fosse adequada. Então o Senhor Deus mandou ao homem um profundo sono; e enquanto ele dormia, tomou-lhe uma costela e fechou com carne o seu lugar. E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher, e levou-a para junto do homem. 'Eis agora aqui, disse o homem, o osso de meus ossos e a carne de minha carne; ela se chamará mulher, porque foi tomada do homem'. Por isso o homem deixa o seu pai e sua mãe para se unir à sua mulher; e já não são mais que uma só carne. O homem e a mulher estavam nus, e não se envergonhavam." (Gn 2,18-25).

É evidente que aqui deveremos considerar também a história da tentação e queda, que segue imediatamente, para compreender muitos aspectos da visão do homem, que inspira o caminho que São Bento nos propõe para viver em plenitude a nossa humanidade e a sua redenção através de Cristo Salvatore.

O homem, portanto, é feito para Deus, para um Deus que se expressa no plural, o Deus que sabemos ser Trindade. Este é feito à imagem de Deus, à sua semelhança: "Deus disse: 'Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança'." (Gn 1,26).

É a partir daqui que se deve sempre começar para compreender o mistério do homem e para entender como este mistério é contemplado e afirmado na Regra de São Bento.

Já insistimos muito sobre a afirmação da dignidade de cada homem na Regra. Mas temos que aprofundar o tema da imagem e semelhança. Está presente na Regra, e como?

Os termos *imago* e *similitudo* não se encontram na Regra, mas a consciência que Deus é o nosso modelo, está presente em todos os lugares.

Desde as primeiras linhas do Prólogo, a finalidade e o sentido da Regra são afirmados nestes termos: "para que voltes, pelo labor da obediência, àquele de quem te afastaste pela desídia da desobediência" (Pról. 2).

Esta frase nos faz entender imediatamente que o ator do caminho da Regra de São Bento é o homem, assim como a Escritura nos revela: o Adão de Gênesis, aquele homem que se desprende e se afastou Daquele que o plasmou. Suponho que esta frase do Prólogo faça diretamente alusão à parábola do filho pródigo (Lc 15,18-20); mas a insistência na dialética obediência/desobediência, nos faz compreender que no fundo, são, antes de tudo, o pecado original e a expulsão do paraíso terrestre, que aqui estão subtendidos. O que nos lembra que a expulsão e retorno jogam em relação à imagem de Deus. O desafio da Regra, de todo o caminho proposto por São Bento, é o retorno do homem, que se perdeu na "região da dissimilaridade", da sua natureza de imagem e semelhança de Deus, um retorno que é ao mesmo tempo um retorno a Deus e um retorno a si mesmo, porque se o homem é a imagem de Deus, não pode ser plenamente si mesmo, plenamente homem, se não encontrando-se na presença da luz do seu Modelo divino.